

Leitura interpretativa da cultura material remanescente do início da colonização brasileira na cidade do Cabo - PE.

Shirlei Martins dos SANTOS

Resumo: Este artigo expõe os resultados de uma leitura interpretativa sobre a cultura material remanescente do início da colonização brasileira. O contingente formador da cultura material restringiu-se aos espaços construídos, os quais abrangem as habitações, as fábricas de açúcar, as capelas, os traçados viários, as casas-grandes e as senzalas, remanescentes dos antigos engenhos Velho, Guerra, Garapu, Trapiche, Novo e Barbalho, localizados na atual cidade do Cabo - PE.

Palavras chave: Arqueologia histórica; Engenhos; Cultura material.

A intenção precípua da proposta foi realizar uma arqueologia de reconhecimento, de modo a auxiliar na compreensão das relações estabelecidas entre as atividades produtivas, o meio natural e os espaços construídos remanescentes do período colonial, através de uma leitura interpretativa. Foi a partir da compreensão destas relações que procurou-se identificar as zonas com probabilidade de vestígio arqueológico de significância para a cidade do Cabo, ou seja, o possível potencial de informação, de descaracterização, de destruição e, conseqüentemente, a representação destas no contexto atual.

Com este intuito, procurou-se associar o conjunto dos dados que compunham os espaços construídos aos aspectos morfo-estruturais da cadeia de mares-de-morros do domínio florístico da antiga Mata Atlântica, que caracterizam a região, constituindo assim, a base da documentação material desenvolvida na reconstrução da organização sócio/espacial.

Os dados obtidos a partir desta análise foram, sistematicamente, confrontados com a iconografia e a documentação histórica da região, tendo-se, em todas as etapas, uma preocupação quanto ao quadro de referência teórica específica, indispensável para a definição dos parâmetros da interpretação, desenvolvidos a partir das dimensões arqueológicas e das noções de tempo/espaço.

O problema principal abordado estava relacionado à dificuldade existente na arqueologia social, quanto ao planejamento de uma escavação realizada em áreas amplas e ao critério adotado para seleção e integração das zonas a escavar, com o fim de obter uma imagem completa dos

vestígios levantados, não só em função da superposição social, como também em função da distribuição espacial.

Considerando que esta pesquisa está inserida em uma proposta interdisciplinar, cuja base teórica está integrada diretamente à prática, torna-se fundamental identificar de modo claro e seguro os procedimentos metodológicos, que serviram de base à estrutura interpretativa.

Procedimento Metodológico.

Os dados foram evidenciados através de diferentes escalas espaciais e temporais, realizadas sobre o contexto das zonas remanescentes dos engenhos próximos e afastados da antiga freguesia de Santo Antônio do Cabo - atual cidade do Cabo. Os métodos e técnicas de campo, utilizados na identificação e registro dos dados arqueológicos apoiaram-se na proposta de Bahn e Renfrew (1991), sobre "*Método e Técnica de Levantamento e Registro de Campo*".

Em conformidade com estes autores, utilizaram-se as técnicas de "*Descoberta Aérea e Espacial - chamadas de Reconhecimento Aéreo*"(1991:62). Nesta etapa, foram utilizadas fotografias aéreas de 1969, na escala 1:30 000 e ortofotocartas de 1974 e 1984, na escala 1:2 000 e 1:10 000, o que possibilitou identificar os limites espaciais de cada *zona remanescente* e delimitar a microrregião de abrangência da proposta. Estas imagens propiciaram diferentes interpretações sobre o sítio e também sobre as mudanças antrópicas ocorridas nas últimas décadas.

Para compreensão do contexto passado, trabalhou-se com o "*Mapa Mural Holandês*", editado no século XVII. Neste mapa, procurou-se identificar como as representações estavam articuladas no espaço e como o conhecimento do material visual foi estabelecido. Observou-se, também, as mensagens transmitidas simbolicamente pela ordem vigente.

Em uma segunda etapa, reconheceu-se o sítio em campo, utilizando a técnica de "*Descoberta de Sítio conduzida a Nível de Superfície*" (Bahn e Renfrew: 1991). Nesta etapa identificou-se e registrou-se os espaços construídos remanescentes, os limites consensuais de cada território e todo tipo possível de realidade ligada a eles.

¹ O termo "*zonas remanescentes*" corresponde aos locais representativos do período colonial, onde se concentrou os núcleos de construções dos engenhos.

Considerações Teóricas

A integração da prática à teoria envolveu tanto a compreensão das dimensões arqueológicas como a noção tempo/espço. Esta integração foi propiciada pelas diferentes escalas de visões e pelos princípios abordados através da *teoria da prática* de Bourdieu (1990), o que auxiliou na conscientização da pré-compreensão que envolveu as reflexões iniciais sobre a totalidade dos fluxos internos evidenciados no sítio.

Quanto à abertura para apreender o que se mostrava a nós na pesquisa, procurou-se reeducar nossos olhos e reorganizar nosso olhar, no sentido de romper com qualquer procedimento pré-estabelecido. Neste sentido utilizou-se a proposta da *prática interpretativa* apresentada por Tilley e Shanks (1992): pré-compreensão → interpretação → compreensão.

Ocorre que o sentido denotado pelos espaços construídos e o meio natural, ao desempenharem um certo papel na estruturação da sociedade e, conseqüentemente, na sua organização espacial, levou a considerá-los em sua totalidade como uma linguagem não-verbal que transmite, armazena e preserva o conhecimento social, sendo um meio simbólico, que orienta os indivíduos no ambiente natural e social (Tilley e Shanks: 1992).

Conforme Hodder (1988), Tilley e Shanks (1992), a analogia dos dados arqueológicos com a linguagem revela o conteúdo do significado comportamental do passado. Embora o texto arqueológico apareça de modo fragmentado, este possui algumas regras sensíveis, que podem ser retiradas da forma como os indivíduos têm dado significado às coisas em todos os tempos. Assim, os objetos deixam de ser mudos ao compreender-se sua linguagem.

O texto arqueológico foi compreendido através de constantes interpretações, que se iniciaram a partir do levantamento dos dados material, histórico e iconográfico. Estes dados forneceram uma pré-compreensão à totalidade estudada, que favoreceu a elaboração dos pressupostos que os referenciou. Assim, a prática interpretativa aplicada ao texto arqueológico consistiu em percorrer do todo para as partes e das partes para o todo, através de constantes abstrações entre passado e presente e seu entendimento. Com esta articulação entre passado e presente e seu entendimento, realizou-se leituras e releituras sobre os dados arqueológicos contextualizados (*con-texto*).

A prática interpretativa começou com uma posição crítica quanto à aparência superficial dos dados arqueológicos que formavam o texto. Para ler o texto arqueológico, primeiramente decompõem-se seus elementos

imediatos, situando-os em sua historicidade específica. Esta etapa da prática interpretativa correspondeu à desconstrução dos dados levantados. Ela nos auxiliou a ir além da aparência do objeto empírico, no sentido de apreender nas estruturas subjacentes, as regras e princípios que o constituíu.

Em um segundo momento da prática interpretativa, passou-se à reconstrução do texto arqueológico. Ao se obterem as camadas de sentido subjacentes do texto, ultrapassou-se seu sentido aparente e examinou-se o texto a partir dos significados liberados por esta operação crítica. Nestas releituras, destacou-se a multiplicidade de significados existentes até reconhecer-se a dimensão ontológica presente nos vestígios arqueológicos.

A prática interpretativa na arqueologia foi realizada através de inferências - reconstruções - teóricas constantes entre o passado e o presente. Estas inferências foram conceitualizadas por meio de pontos de partidas sociais, econômicos, simbólicos e outros acerca da maneira pela qual a totalidade passada vai revelando-se na prática.

A leitura do passado, através de seus traços no presente, envolveu em parte níveis de visões temporais e espaciais distintas, contidas na totalidade pesquisada e nos elementos constituintes desta totalidade. Através destas abstrações e reflexões que englobaram, também, interrogações sobre o passado, o presente, o futuro e nossa conscientização - como pesquisador - das pré-compreensões sobre o objeto estudado, é que articulou-se a teoria e a prática.

A rede de relações sócio-espaciais apreendida no presente da pesquisa contém o como poderiam ter sido as relações estabelecidas entre os vestígios arqueológicos do passado pesquisado. É, deste modo, necessário evidenciar que os momentos na distância temporal estão incompletos, assim como o presente que está sempre por fazer, quando não concientizados. Com isto, a compreensão do passado envolve a subjetividade do pesquisador, estabelecendo um sentido e as possíveis tramas de significados.

Assim, a primeira visão do texto arqueológico apoiou-se nos valores que governavam o contexto da pesquisa, estando, portanto, envolvida pelas pré-compreensões, que foram sendo alteradas a partir do sentido dando às tomadas de visões realizadas sobre o texto arqueológico. Estas visões iam da totalidade a particularidade dos dados e vice-versa, destacando as diferenças e ausências de significados no tempo e espaço, revelando, deste modo, as redes de relações sócio/espaciais do passado pesquisado.

A compreensão da totalidade inicia-se com as pré-compreensões de nosso tempo, e vai sendo mudada de acordo com os significados obtidos nos

fragmentados dados testemunhais do passado. Esta compreensão do passado forma uma elipse interpretativa de ação constante, porque o presente é constante. É devido a estas características que a teoria torna-se aberta e, conseqüentemente, toda a pesquisa passa a ser apenas uma parte das relações percebidas. Isto porque a totalidade corresponde às relações das diferentes visões e experiências que se têm do mundo, formando o todo de nossa compreensão.

Assim como se considera a cultura material resultante das práticas produtivas e relacionada aos hábitos dos grupos sociais, os pesquisadores também estudam os materiais através das práticas produtivas relacionadas à linguagem do grupo social com o qual se identifica.

Durante toda a pesquisa surgiram perguntas exigindo respostas explicativas, que eram respondidas com um *como*, através das releituras dos fragmentos testemunhais, preenchendo em parte o silêncio existente nas distâncias temporais e espaciais. Com isto, destruiu-se a totalidade inicial, reconstruindo-a a partir dos novos dados apreendidos nas estruturas subjacentes que os envolviam.

As perguntas diminuía conforme foi-se reconstruindo nossa visão do passado, pois o sentido surgia como resultante da própria prática interpretativa. Em determinado momento, *tornamo-nos* apenas observadores dos significados revelados pelos sentidos dos significantes e a totalidade passou a ser simplesmente respostas dadas pelo fluxo das relações estabelecidas.

Desconstrução e reconstrução dos dados

O texto arqueológico estudado apresentou influências de fluxos internos e externos, que interagiam nos espaços socialmente construídos, revelando períodos de relações estáveis. As reestruturações identificadas no sítio apresentam-se de modo desigual, tanto na morfologia espacial, quanto no modo como os espaços construídos exprimem a vida cotidiana: no local de trabalho, da moradia e da comunidade. Todas estas áreas, caracterizadas como de conflitos, definem novas formas no tempo, através de suas reestruturações.

Na leitura interpretativa totalizaram-se certas particularidades identificadas na organização espacial e particularizaram-se estas totalidades, introduzindo assim um sentido social as zonas remanescentes. Esta matriz de dinâmica constante auxiliou a evocar temporalidades, com o intuito de chegar ao período de consolidação da organização colonial inicial, através

da compreensão e a partir do presente, das formas como os diferentes períodos interagiram socialmente no espaço.

As zonas remanescentes representativas do período inicial da colônia, local onde estavam concentrados os núcleos de construções dos engenhos, tiveram suas formas materiais organizadas e reorganizadas, através de diferentes movimentos e eventos sociais. Para compreender essa interação, primeiramente identificou-se os períodos através dos espaços construídos existentes nas zonas remanescentes e as influências externas que contribuíram para esta reestruturação, verificando-se, após, como a totalidade interna respondeu a estas influências.

Os núcleos edificados nos engenhos apresentam seqüências que foram acumuladas ao longo dos períodos de reestruturação. Cada período contém vestígios arqueológicos dos anteriores e, conseqüentemente, das mudanças das práticas produtivas que os produziu. Os vestígios estão reorganizados, tanto na superfície como nos níveis estratigráficos do subsolo, necessitando, portanto, de uma desconstrução dos seus constituintes.

Na desconstrução do texto arqueológico pesquisado, identificaram-se três períodos de estabilidade histórica, para se chegar assim ao mapeamento do contexto inicial de formação, no qual procurou-se considerar as contradições internas dos movimentos sociais e sua organização espacial, sendo eles: a) período atual das práticas produtivas associadas aos espaços construídos industriais, que iniciou em meados do século XX e permanece até nossos dias. Este período corresponde ao contexto arqueológico, no qual procurou-se identificar as zonas com significativo potencial arqueológico, pertencentes ao período de formação do sítio; b) o período das práticas produtivas ligadas aos espaços construídos das usinas, que foi do final do século XIX até meados do século XX; c) o período das práticas produtivas ligadas aos engenhos bangüês, que corresponde ao final do século XVI e início do século XVII. Este corresponde à primeira fase consolidadora de toda organização sócio/espacial do sítio.

Essa periodização corresponde às alterações evidenciadas a partir dos espaços construídos existentes nas zonas remanescentes. É a articulação destes períodos no sítio e toda prática social mediada por eles que contém a memória local. Na leitura interpretativa destes períodos, evidenciaram-se certas equivalências entre os espaços construídos reestruturados, quanto à produção: a fábrica-de-açúcar, as usinas e as indústrias; quanto à

manutenção da ordem social: a casa-grande, a capela e a administração do Estado e do município; e quanto à habitação: a senzala, a casa dos homens livres e os loteamentos populares.

Entre os princípios que estruturaram a organização dessas formas materiais, identificou-se uma diferenciação quanto a distância relativa na posição social e espacial dos agentes, a partir da oposição longe/perto. Espacialmente, esta oposição apareceu no sítio em duas áreas: a primeira abrangeu os engenhos Garapu, Trapiche, Novo, Barbalho e Freguesia, que mantinham uma relação de vizinhança, estabelecida pelo parentesco e pela necessidade de mão-de-obra; na segunda área, encontrou-se o Morgado de Nossa Senhora da Madre de Deus do Cabo de Santo Agostinho, de propriedade do patriarca João Pais Barreto, formado pelos engenhos Guerra e Velho, sendo este último o primeiro engenho construído na área.

Na utilização da oposição longe/perto, externo/interno, procurou-se destacar as diferenças existentes na organização das formas materiais no sítio. Trata-se de uma visão da totalidade e não de uma separação do significado, pois os elementos existem enquanto se relacionam, diferindo, retardando ou prolongando os elementos ausentes. No caso, estas oposições são partes constituintes da própria estrutura e envolvem conjuntos de operações ordenadoras do mundo social, como as normas e regras de comando.

Quanto aos valores materiais, que interagem no sítio, como referências espaciais durante o período de formação, esses estão representados na cartografia holandesa pelos engenhos, capelas, habitações e caminhos. As convenções cartográficas representativas dos engenhos apresentam, nesta cartografia, referências quanto à força motriz que os impulsionavam (água/boi), e quanto à existência de igreja (sem/com). Quanto à primeira classificação dos engenhos, verificou-se o uso de um terceiro elemento, não legendado- um círculo com ponto no meio - que corresponderia a engenhos d'água destruídos, que é o caso dos engenhos Garapu, Velho e Trapiche.

As zonas com probabilidade de vestígios arqueológicos, pertencentes ao período de formação da cidade do Cabo, resultam da identificação de áreas que tenham ficado isentas de modificações realizadas pelos períodos de reestruturação. Para isto, procurou-se introduzir o sentido através da organização de suas formas materiais configuradas na atual paisagem do sítio, pois as reorganizações espaciais resultam das relações sociais estabelecidas pelas práticas produtivas. Sendo assim, o uso do

espaço passa a ser assumido, como uma modificação inferida pela sociedade, enquanto que a identificação das zonas de significativo potencial arqueológico, pertencente ao período de formação do sítio, assume o uso do espaço como uma destruição.

O meio ambiente que existia no sítio, durante o final do século XVI e início do século XVII, em muito se diferencia do que existe no presente. Todo o ambiente da Mata Atlântica e a vida dos agentes daquela época foram desestruturados e reestruturados ao longo dos séculos. A utilização do sítio, durante três séculos, por uma intensiva exploração canavieira, exercida sobre um solo propenso à erosão como a "*Formação Barreiras*", é irrelevante quando observada *in loco*, principalmente pela dificuldade de visão do conjunto, frente à lavoura canavieira, aos grandes espaços construídos do Distrito Industrial e à vegetação secundária. Mas quando se observou esta mesma superfície em uma escala menor como 1:30 000, propiciada pelas fotografias aéreas de 1969, verificou-se que a erosão nos morros do sítio apresentam estágios de voçorocamentos com encostas recortadas por ravinas, manifestando novos processos erosivos.

Deste modo, na identificação das zonas com significativo potencial arqueológico, foi necessário evidenciar as variáveis naturais que configuravam a topografia do entorno nas zonas remanescentes, a localização neste entorno dos núcleos edificados, e a organização das formas materiais nos núcleos edificados. Estes foram reconstruídos a partir dos espaços construídos remanescentes - as capelas - e de alguns testemunhos da topografia, que ficaram para dizer como poderia ter sido o passado.

Com o apoio da similaridade topográfica, que as zonas remanescentes no sítio apresentam, caracterizada pelos mares-de-morros, procurou-se identificar o programa de necessidade básico, quanto à escolha das variáveis locais utilizadas. Estas escolhas estão associadas às práticas produtivas provenientes das experiências dos agentes e da memória do grupo, e como tal padronizadas através das relações estabelecidas na organização sócio/espacial pelos grupos dominantes.

Na escolha dos locais mais adequados para a localização dos núcleos, os proprietários de engenhos procuravam, no meio natural, certas variáveis que propiciassem a instalação do empreendimento. Entre as variáveis que compunham este programa de necessidade estava o aproveitamento dos colos, que naturalmente percorriam e cruzavam os morros revestidos pela Mata Atlântica, como caminhos e trilhas nos quais os

agentes circulavam a pé, a cavalo e em carroças. Na escolha do local para construir os seus núcleos edificados davam preferência às encostas dos morros, à jusante das grotas, próximas aos rios e às várzeas. Estas variáveis, além de oferecer água constante, condições naturais para construir açudes, áreas para proteger os animais das intempéries, ofereciam ainda uma ampla visão do entorno, favorecendo ao dono de engenho o controle sobre suas propriedades. Destacaram-se, também, entre as variáveis naturais citadas acima o colo profundo, o rio e a várzea. Estas são algumas das necessidades básicas identificadas na localização dos núcleos edificados dos engenhos.

A relação de poder no grupo dominante fez dos engenhos do Morgado, principalmente o Velho, o referencial de padronização para os demais engenhos do sítio. As referências padronizadas foram em relação às variáveis que caracterizavam a localização dos núcleos edificados, quanto em relação aos critérios utilizados para organizar as formas espaciais. Sendo assim, procurou-se realizar a reconstrução das zonas remanescentes, a partir do engenho Velho, de modo a associar suas informações aos demais engenhos e vice-versa.

A padronização das variáveis naturais na topografia do entorno, das zonas remanescentes, configurava-se pela existência em todos os engenhos de grotas. A presença de colo profundo predominou nos engenhos, que possuíam a fábrica-de-açúcar movida por água, engenhos Velho, Garapu e Novo, inclusive o engenho Guerra, movido por boi. Quanto à presença de várzea, o engenho Barbalho foi o único que não apresentou proximidade com esta variável.

Em relação à localização neste entorno dos núcleos edificados, verificou-se que os engenhos Velho, Guerra, Barbalho e Trapiche foram construídos sobre terraços, aproveitando os desníveis destes para a distribuição de seus espaços construídos, que se estendiam do topo do terraço até a base da grota. Os engenhos Garapu e Novo concentraram suas construções nas partes baixas do terraço, sem se beneficiarem dos desníveis topográficos.

Na organização espacial, verificou-se que os bens materiais, no caso espaços construídos, estavam organizados segundo regras de apoio que sustentavam a posição social do proprietário. Estas regras expressadas na organização das formas materiais abarcavam distintos campos: o econômico, representado pela fábrica-de-açúcar; o político, pela casa-grande; o étnico, pela senzala; e o religioso, pelas capelas. Estas categorias estavam extremamente integradas, pois verificou-se que o econômico estava

presente no político e no religioso. Esta concentração de poder nos núcleos dava aos proprietários total controle sobre seus dependentes. Sendo para isto necessário a manutenção constante deste controle, pela igreja. Devem-se considerar que o sagrado estava presente nas atividades agrícolas, na prática das profissões e sobretudo nas proibições. A prática religiosa estava mesclada à vida social, apoiando a vida política e o povoamento em todo o sítio.

Os donos de engenhos dividiam o poder com a igreja, sendo o domínio deste último o imaterial, ao qual se utilizavam para negociar as regras que regiam os valores materiais dos indivíduos. Dentro das relações de poder, a igreja era responsável pela manutenção das regras sociais e esta manutenção era estabelecida a partir do poder de síntese do bem e do mal, por ela mesma criada, para manter a oposição dominador/subordinado.

Quanto à organização das formas materiais nos núcleos edificados, considerou-se que estas estavam distribuídas nos níveis topográficos, conforme a necessidade de controle e dominação do proprietário sobre seus dependentes. Esta noção de controle e dominação fazia parte do pensamento da Igreja Católica, pois para o cristão, Deus é o criador do mundo e sendo assim, ao ficarem ao lado de Deus, eles acreditavam dispor dos poderes necessários para dominar a natureza e os homens. Deste modo é natural que as construções fossem organizadas no espaço de modo que a capela ficasse a direita da casa-grande, quando construídas no mesmo nível topográfico, como nos engenhos Garapu, Trapiche e Novo; ou atrás da casa-grande, quando construídas em níveis topográficos diferentes, como no engenho Velho. A fábrica-de-açúcar ficava nos níveis mais baixos das zonas remanescentes e na frente da casa-grande e da capela. Cada engenho adequava a localização destas construções, no sentido de mudarem as atividades práticas em seu conjunto, estabelecendo assim normas de conduta que lhes eram relativas.

Esta relação de controle e dominação evidenciou-se também na cartografia holandesa que, em seu caráter de propaganda, oferecia, através de suas convenções gráficas, as bases de satisfação das necessidades mútuas entre a colônia e a metrópole, ao contrário da cartografia portuguesa, que alterava estas convenções, criando formas de ver o mundo conforme os valores de satisfação das necessidades eclesiásticas.

Conclusão

O engenho Velho e Guerra apresentam uma boa conservação em seus entornos e o maior número de evidências passíveis de escavação arqueológica no sítio, no que se refere às relações sócio/espaciais engendradas pelos escravos. Apresentam, também, uma das menores áreas irrecuperáveis, mas com proposta de destruição breve por parte da administração pública.

Quanto às áreas localizadas no Distrito Industrial, verificou-se que o engenho Novo apresenta seu núcleo edificado parcialmente conservado, com os demais núcleos possuindo probabilidade de conter informações complementares ao sítio, embora suas preservações estejam comprometidas, devido à descaracterização de seu entorno. Considera-se ser necessário controlar o avanço destrutivo nestas áreas, pelo menos até que sejam realizados os trabalhos de prospecção e escavação arqueológicas devidos.

Quanto à preservação destas zonas remanescentes do período colonial, acredita-se que deva ser uma preocupação do planejamento da cidade do Cabo, pois a legislação referente a esta problemática é de competência do poder municipal e nossa proposta foi sensibilizá-lo para a importância e necessidade da preservação dos bens materiais. O desenvolvimento, a evolução e as modificações ocorridas neste espaço social não podem prescindir do passado, pois a preservação auxilia a refletir sobre o futuro.

É importante que o município atente para o sítio a ser preservado e que tal preservação seja compatível com as necessidades da população que nele reside ou dele se utilize, integrando-o à sociedade. Mas para isto devem ser consideradas as características à escala, à conotação e à vinculação histórica própria do sítio ao seu entorno próximo.

Abstract

Interpretative reading of the remaining culture material from the beginning of Brazilian colonization in the city of Cabo - PE.

This article exposes the results of an interpretative reading on the remaining material culture from the beginning of the Brazilian colonization. The contingent forming the material was restricted to constructions which comprise dwellings, sugar plants, chapels, road designs, manor houses, remains of the old sugar mills such as Velho, Guerra, Garapu, Trapiche, Novo and Barbalho, sited in the modern city of Cabo-PE.

Key words : Historical Archaeology, Sugar Mills, Material Culture.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, G. O. L. e CALDAS, R. 1984. *Pirapama - Um Estudo Geográfico e Histórico*. Recife, Editora Massangana.
- BAHN, Paul e RENFREW, Colin. 1991. *archaeology: Theorers, Methods, and practice*. Ed. Thames and Hudson Ltd. Londres.
- BEANI, Thais Curi. 1986. *Heidegger: Arte como Cultivo do Inaparente*. São Paulo. Editora Nova Stella.
- BOURDIEU, P. 1989, *O Poder Simbólico*, Ed. Bertrand Brasil S.A., Rio de Janeiro, Coleção Memória e Sociedade.
- BOURDIEU, P. 1990, *Coisas Ditas*, Ed. Brasiliense, São Paulo.
- HODDER, I. 1978. *Simple Correlations between Material Culture and Society: A review*. In: *The Spatial Organization of Culture*. London. Dickworth.
- HODDER, I. 1988, *Interpretación en Arqueologia. Corrientes Actuales*. Barcelona, Ed. Crítica.
- MARTINS, Shirlei S. 1995, *Reconhecendo os Engenhos de Santo Antônio do Cabo: Uma Leitura Interpretativa da Cultura Material Remanescente do Final do Século XVI e Início do Século XVII*. Ed. Universitária. Dissertação de Mestrado em História - UFPE/Pernambuco.
- TILLEY C. & SHANKS, M. 1992. *Re-Constructing Archaeology: Theory and Practice*. London/New York, Routledge.